

Ensaio de
HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS NO BRASIL
das Luzes à nação independente

Lorelai Kury . Heloisa Gesteira (orgs.)



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO

Reitor

Ricardo Vieiralves de Castro

Vice-reitor

Paulo Roberto Volpato Dias

EDITORIA DA UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Conselho Editorial

Antonio Augusto Passos Videira

Italo Moriconi (*presidente*)

Ivo Barbieri

Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves

Maria Flora Sússekind

Erick Felinto de Oliveira

Ensaio de
**História das Ciências
no Brasil**
das Luzes à nação independente

Lorelai Kury e Heloisa Gesteira (orgs.)



Rio de Janeiro
2012

Copyright © 2012, dos autores

Todos os direitos desta edição reservados à Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, ou de parte do mesmo, em quaisquer meios, sem autorização expressa da editora.



EdUERJ
Editora da UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
Rua São Francisco Xavier, 524 – Maracanã
CEP 20550-013 – Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (55) (21) 2334-0720 / 2334-0721

<i>Editor Executivo</i>	Italo Moriconi
<i>Assessoria Editorial</i>	Fabiana Farias e Renato Alexandre de Souza
<i>Coordenador de Publicações</i>	Renato Casimiro
<i>Coordenadora de Produção</i>	Rosania Rolins
<i>Coordenador de Revisão</i>	Fábio Flora
<i>Revisão</i>	Andréa Ribeiro e Shirley Lima
<i>Capa, Projeto e Diagramação</i>	Carlota Rios

Elaboração dos mapas:
Lorelai Kury [Fiocruz - RJ] e Ana Rosa de Oliveira [JBRJ]
Xico Costa [Atlas histórico de cidades - UFBA]

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/NPROTEC

G633 Ensaios de história das ciências no Brasil : das Luzes à nação independente / Lorelai Kury, Heloisa Gesteira, orgs. – Rio de Janeiro : EdUERJ, 2012.
328 p.
Seminário As Ciências no Brasil no Período Joanino, realizado de 17 a 20 de agosto de 2008.
ISBN 978-85-7511-239-7
1. Ciências – História – Brasil. I. Kury, Lorelai. II. Gesteira, Heloisa. I. Seminário As Ciências no Brasil no Período Joanino (2008 : Rio de Janeiro)

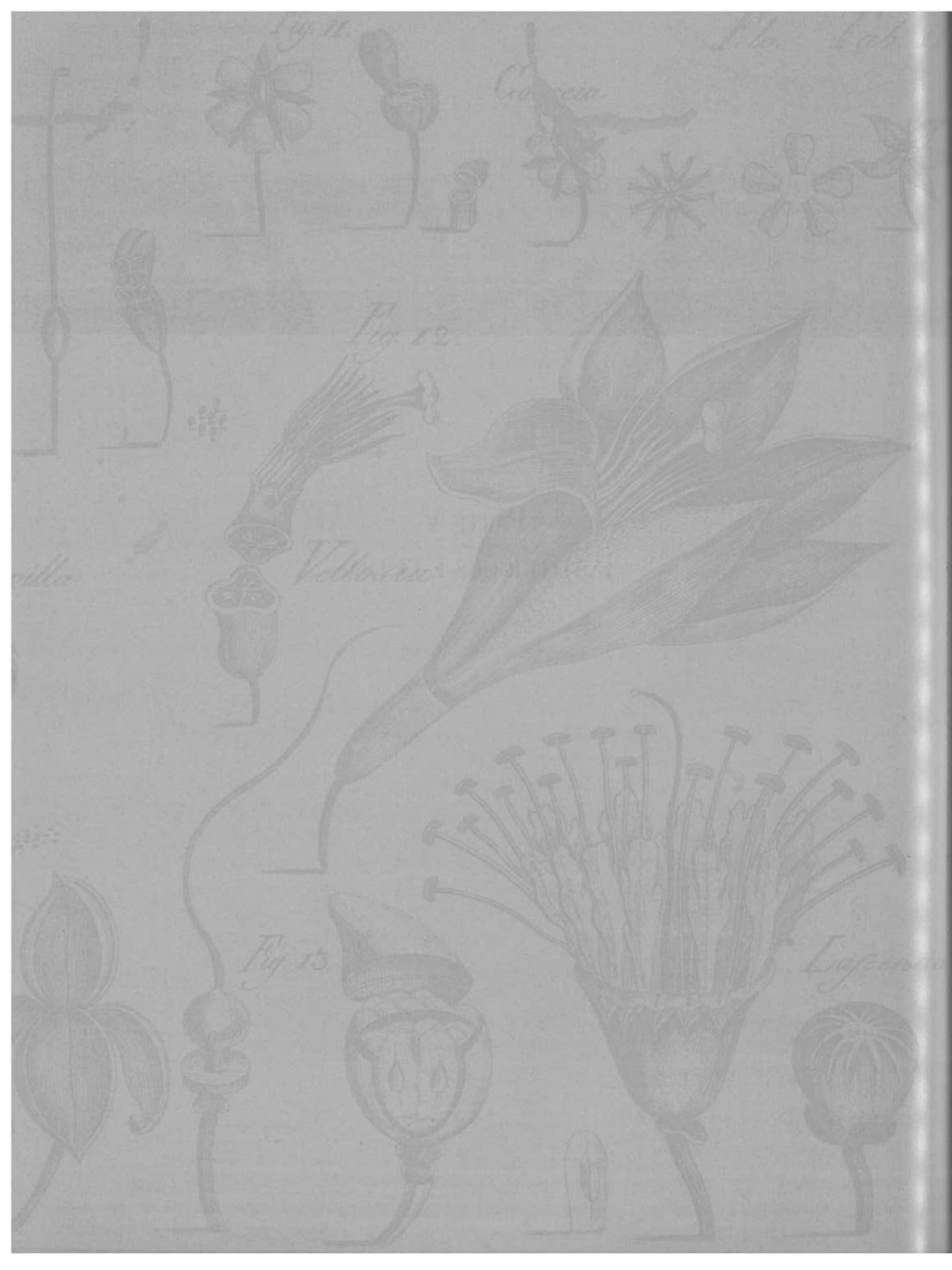
CDU 001(091)(81)

A produção deste livro contou com o apoio do Museu de Astronomia e Ciências Afins (Mast).

SUMÁRIO

PREFÁCIO: O RIO DE JANEIRO E O ATLÂNTICO <i>Luiz Felipe de Alencastro</i>	7
APRESENTAÇÃO <i>Lorelai Kury e Heloisa Gesteira</i>	11
PARTE I – A ARTE DE CURAR NO BRASIL: ENTRE NOVOS E VELHOS SABERES	
SOBRE LICORES E XAROPES: PRÁTICAS CURATIVAS E EXPERIMENTALISMOS JESUÍTICOS NAS REDUÇÕES DA PROVÍNCIA JESUÍTICA DO PARAGUAI (SÉCULOS XVII-XVIII) <i>Eliane Cristina Deckmann Fleck</i>	17
RUMO AO BRASIL: A TRANSFERÊNCIA DA CORTE E AS NOVAS TRILHAS DO PENSAMENTO MÉDICO <i>Márcia Moisés Ribeiro</i>	31
OS DILEMAS DA HISTÓRIA SOCIAL DAS CIÊNCIAS NO BRASIL: AS ARTES DE CURAR NO INÍCIO DO SÉCULO XIX <i>Betânia Gonçalves Figueiredo e Graciela de Souza Oliver</i>	41
PARTE II – A CIÊNCIA E A CIDADE DO RIO DE JANEIRO	
AS ARTES DE CURAR E A FISCATURA-MOR NA ÉPOCA DE D. JOÃO VI <i>Tânia Salgado Pimenta</i>	53
O JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO E AS PAISAGENS DA CORTE <i>Ana Rosa de Oliveira</i>	65
RIO DE JANEIRO JOANINO: ENTRE O MAR E O MANGUE <i>Lorelai Kury</i>	85
PARTE III – INVENTÁRIOS E UTILIZAÇÃO DA NATUREZA	
INSTRUCTIO PEREGRINATORIS. ALGUMAS QUESTÕES REFERENTES AOS MANUAIS PORTUGUESES SOBRE MÉTODOS DE OBSERVAÇÃO FILOSÓFICA E PREPARAÇÃO DE PRODUTOS NATURAIS DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XVIII <i>Magnus Roberto de Mello Pereira e Ana Lúcia Rocha Barbalho da Cruz</i>	115
O COLECIONISMO CIENTÍFICO EM PORTUGAL NOS FINAIS DO ANTIGO REGIME (1768-1808) <i>João Carlos Brigola</i>	135

A FABRICAÇÃO DA PÓLVORA E TRABALHOS SOBRE O SALITRE: PORTUGAL E BRASIL DE FINAIS DO SÉCULO XVIII ÀS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XIX	153
<i>Márcia Helena Mendes Ferraz</i>	
INSTRUÇÕES E IMPRESSÕES TRANSIMPERIAIS: HIPÓLITO DA COSTA, CONCEIÇÃO VELOSO E A CIÊNCIA JOANINA	167
<i>Neil Safier</i>	
NATURALISTA E HOMEM PÚBLICO: A TRAJETÓRIA DO ILUSTRADO MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA (1796-1823)	181
<i>Alex Gonçalves Varela</i>	
PARTE IV – AS CIÊNCIAS E A CONSTRUÇÃO DO TERRITÓRIO DO BRASIL	
AS CIÊNCIAS E A CONSTRUÇÃO DO TERRITÓRIO DO BRASIL	195
<i>Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno</i>	
INSTRUMENTOS MATEMÁTICOS E A CONSTRUÇÃO DO TERRITÓRIO: A MISSÃO DE DIOGO SOARES E DOMINGOS CAPASSI AO BRASIL (1720-1750)	207
<i>Heloisa Gesteira</i>	
CIÊNCIA E PODER IMPERIAL NO GRÃO-PARÁ: DA EXPANSÃO À DESCONSTRUÇÃO (1750-1840)	225
<i>Nelson Sanjad</i>	
CULTURA CARTOGRÁFICA E GESTÃO TERRITORIAL NA ÉPOCA DA INSTALAÇÃO DA CORTE PORTUGUESA	239
<i>Iris Kantor</i>	
VIAGENS E VIAJANTES EUROPEUS E DESCRIÇÕES DO BRASIL: A CORRESPONDÊNCIA DE LEOPOLDINA E O PARADISIACO BRASIL	251
<i>Ângela Domingues</i>	
PARTE V – INSTITUIÇÕES E LETRAS	
PORTUGAL-BRASIL, 1808. TRÂNSITO DE SABERES	267
<i>Maria de Fátima Nunes</i>	
NATUREZA, CIÊNCIA E POLÍTICA NO MUNDO LUSO-BRASILEIRO DE INÍCIOS DO SÉCULO XIX	281
<i>Guilherme Pereira das Neves</i>	
A INSTITUCIONALIZAÇÃO DAS PRÁTICAS CIENTÍFICAS NA CORTE DO RIO DE JANEIRO	293
<i>Maria Rachel Fróes da Fonseca</i>	
A GÊNESE MODERNA DO ARTIGO DE FUNDO E DA CAMPANHA DE IMPRENSA: O CORREIO BRAZILIENSE OU ARMAZEM LITERÁRIO	307
<i>José Augusto dos Santos Alves</i>	
SOBRE OS AUTORES	323



PORTUGAL-BRASIL, 1808. TRÂNSITO DE SABERES



Maria de Fátima Nunes

TRÂNSITO(S) CIENTÍFICO(S)

No século XVIII português, houve um impulso de reformismo científico nas instituições de ensino científicas e militares. Na senda do trabalho do engenheiro-mor do reino (Bernardo, 2005; Pereira, 2004; Calafate, 2001), o cartesiano do *grand tour* Manuel Azevedo Fortes (Diogo, Carneiro e Simões, 2007) preparou o terreno para o impacto do poder institucional das luzes pombalinas. No entanto, a regeneração científica foi sobretudo protagonizada pela figura de D. Rodrigo de Sousa Coutinho (1755-1812), um “homem de Estado” que soube estabelecer a ligação da Europa com Portugal e estender o ramo da instrução e da ciência ao Brasil, na mítica e inaugural data de 1808 (Villalta, 2000; Kury, 2004; Mansuy, 2002-2006).¹

É nesse contexto que se insere a renovação científica e pedagógica da Academia de Marinha, e de seu Observatório, em 1779; a criação da Academia dos Guardas-Marinhas em Lisboa, no ano de 1782; e a fundação da Sociedade Marítima e Geográfica, que funcionou entre os anos de 1793 e 1807. Estas eram instituições que se integravam no complexo de renovações científicas marcadas pela Reforma da Universidade de Coimbra de 1772, de sua confirmação de 1777, e cujos professores estabeleciam pontos de contacto com a cultura científica da Real Academia das Ciências de Lisboa, após 1779.

Instituições que serviam os objetivos de progresso e de crença cosmopolita na ciência e na técnica como motores de desenvolvimento da nação. Ao território europeu português chegava, por via da atividade científica dessas instituições, a projeção de uma ciência útil vigente nas “nações cultas e civilizadas”. Portugal metropolitano funcionava como espaço de formação para rentabilizar os recursos do Império, sobretudo o Brasil, pelo estudo das potencialidades naturais (Kury, 1998; Brigola, 2003). As equipas de

¹ A ação de D. Rodrigo de Sousa Coutinho no Brasil possibilitou ampliar e institucionalizar os espaços de ciência e de cultura que se vinham paulatinamente enraizando desde o final do século XVIII, favorecido pelo ambiente cultural do naturalismo e do academismo literário (Carvalho, 1939; Silva, 1974-1975, 1999; Dantas, 2001; Freitas, 2003; Wegner, 2004).

filósofos naturais *vs.* cientistas realizavam as *viagens filosóficas* e, por meio dessa prática, veiculavam conhecimentos de uma Europa de “além Pirineus” para o espaço de um verdadeiro laboratório naturalista – a colônia Brasil. Os militares das instituições de Marinha e de Engenharia participavam também dessa aventura técnico-científica (Nunes, 1988, 2002) por meio de uma renovação das instituições de Marinha. Nestas, há sinais do impacto da geração dos ideólogos da Revolução Francesa,² no nível da matemática, da física, da astronomia e da cartografia, como as fontes institucionais nos evidenciam (D’Eça, 1892; Monteiro 1949; Cunha, 1967; Nunes, 1988; Borges e Canas, 2007; DeNipoti, 2008). Nesse breve recordar de literatura de vários timbres, obtemos informação suficiente para perspectivar um conjunto de saberes em circulação, no momento em que Napoleão pretende unificar o espaço europeu sob a alçada de um “Império francês”, talvez de uma “ciência colonial francesa”, o modelo das instituições de sociabilidade científica – caso de L’Institut – ou de ensino culturalmente revolucionário –, caso da École Polytechnique (Bret, 2002; Gusdorf, 1978).

Retomamos o tema comemorativo das “invasões francesas” sob o signo de (re) leituras de obras de vários autores (Dhombres, 1989; Moravia, 1974; Gusdorf, 1978); agora procurando estabelecer possíveis contatos de leitura entre a cultura científica portuguesa e a geração científica napoleônica (Nunes, 1988; Kury, 2004; DeNipoti, 2008). É nessas ligações que inserimos alguns dos impactos dos acontecimentos de 1807-1808, como a ida da corte para o Rio de Janeiro com o embarque de um patrimônio científico e cultural extremamente valioso: bibliotecas (individuais, institucionais e públicas) e instrumentos científicos para a colônia Brasil, cidade do Rio de Janeiro, sob a batuta científica de D. Rodrigo de Sousa Coutinho (Silva, 1999, 1974, 1975; Villalta, 1998; Schwarcz e Azevedo, 2002; Schwarcz, 2007; Marrocos, 2008). Desse embarque nasceram os (futuros) espaços de ciência e das bibliotecas coloniais emergiram as bibliotecas da (futura) nação do Império brasileiro. Uma perspectiva de utopia do olhar brasileiro que não casa com a leitura negra dos saques dos franceses no espaço metropolitano. Por outro lado, a ideia arrebatadora de “um império à deriva” (Gomes, 2007; Wilcken, 2008) é contrariada pela pista visionária de uma possível construção de identidade nacional legitimada pela história das ciências, simbolizada nas “ciências no Paço de D. João...” (Oliveira, 1999; Lopes, 1999; Villalta, 2000; Dantas, 2001; Freitas, 2003; Lury, 2004; Ferreira, 2004).

O tema de um modelo de “ciência em trânsito” será percebido por dois indicadores: o catálogo da biblioteca da Academia dos Guardas-Marinhas e o catálogo da biblioteca particular do engenheiro militar que *não embarcou* para o Brasil: Marino Miguel Franzini (1779-1861).³

² Membros da academia científica napoleônica L’Institut.

³ A documentação da Biblioteca Nacional de Portugal – Reservados, cod. 12934 – Fr 859 – relativa a Marino Miguel Franzini foi alvo de um recente e importante estudo sobre leitura e circulação de livros na Europa por parte de DeNipoti (2008), inserido na atual agenda de investigação geograficamente comparativa sobre livro e leitura, redes comerciais e bibliotecas (Abreu, 2000, 2003; Curto, 2002).

UMA BIBLIOTECA CIENTÍFICA ATRAVESSA O ATLÂNTICO

Na história da cultura científica no Brasil, a Academia dos Guardas-Marinhas e sua biblioteca têm um importante lugar de relevo (Silva, 1999, pp. 134-47). O ambiente cultural, letrado e militar do Rio de Janeiro acolheu essa instituição especializada de ensino e incorporou seus livros como legado patrimonial e útil. Silva refere a existência de um “catálogo sistemático, mandado elaborar pelo inspetor da ‘Companhia dos Guardas-Marinhas’ e terminado em abril de 1812”.⁴ Sua organização pertence à gramática de saberes das instituições de Marinha criadas por Rodrigo de Sousa Coutinho. O inspetor da “Companhia dos Guardas-Marinhas” sistematizou os livros chegados em cinco grandes grupos temáticos:⁵ 1) ciências naturais; 2) ciências matemáticas (puras e mistas); 3) ciências e artes navais; 4) ciências e artes militares de Terra; e 5) politamia.⁶ Uma biblioteca científica, uma instituição militar e de ensino – fatos determinantes para a história da ciência no Brasil (Silva, 1999, pp. 147-8).

Em 1972, o almirante Teixeira da Mota apresentou à Academia das Ciências de Lisboa – Classe de Ciências – uma comunicação intitulada “Acerca da recente devolução a Portugal pelo Brasil, de manuscritos da Sociedade Real Marítima, Militar e Geográfica 1798-1807”⁷ (Mota, 1972). Essa sociedade científica tinha como chefe de esquadra o militar e matemático José Maria Dantas Pereira (1772-1836),⁸ importante figura de ligação entre as várias instituições científicas existentes em Portugal no início do século XIX, criadas no âmbito do movimento europeu das Luzes (Guedes, 1974).

Mota, em nota introdutória, explica que

a Sociedade [Real Marítima, Militar e Geográfica], [tinha] como presidentes os quatro ministros de Estado, era composta de oficiais da Marinha e do Exército, dos lentes efetivos e substitutos da Academia dos Guardas-Marinhas, dos lentes da Universidade de Coimbra, de dois opositores da Faculdade de Matemática e do diretor-geral dos Desenhadores, Gravadores e Impressores (1972, p. 6).

Trata-se de uma rede de poderes e saberes ligados entre si, por meio das instituições militares e científicas em território metropolitano, que visavam à realização

⁴ Para maior detalhe informativo, a autora remete o leitor para seu artigo “Uma biblioteca científica brasileira no início do século XIX”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, 1973, n. 14.

⁵ Essa sistematização contrasta profundamente com a organização do catálogo das “bibliotecas coloniais” (eclesiásticas, científicas e filosóficas), elaborado em 1826 no Rio de Janeiro (Silva, 1999, p. 134). Em sua hierarquização e arrumação de assuntos, encontra-se a lógica do catolicismo iluminado – escritura sagrada e santos padres; teologia natural, dogmática e natural; direito natural e civil; teologia mística; sermonários; filosofia, matemática, história natural e física, retórica e poética; geografia; dicionários; história universal e particular; miscelâneas.

⁶ Silva (1999, p. 147) engloba nessa categoria as obras gerais, as histórias navais e os relatos de viagem, chamando a atenção para o fato de edições relativas às viagens da segunda metade do século XVIII estarem ausentes.

⁷ Texto editado pelo “Grupo de Estudos de Cartografia Antiga”, na Junta de Investigações do Ultramar, LXXIV – seção de Lisboa.

⁸ Nascido perto de Lisboa – Alenquer –, embarca para o Brasil em 1807, tornando-se o primeiro diretor da Academia Real dos Guardas-Marinhas, no Rio de Janeiro. Morre em 1836, em Montpellier, no exílio. Para informação sucinta, ver o verbete “Dantas Pereira (José Maria)”, em Portugal – dicionário histórico. Disponível em <http://www.arqnet.pt/dicionario/dantaspereirajm.html>. Acessado em 14 set. 2009.

de práticas científicas em Portugal e nos espaços ultramarinos, com clara predominância no Brasil (Freitas, 2003).

Nesse encontro de perspectivas de leitura do passado (Mota, 1972; Silva, 1999) encontra-se a explicação para a fundação, no Rio de Janeiro, a 1^a de abril de 1812, de uma biblioteca para o apetrechamento científico e cultural da Companhia dos Guardas-Marinhas, esta destinada ao ensino das elites da colônia.

As ciências instalavam-se no “Paço de D. João VI” (Oliveira, 1999), com espaços próprios, professores, livros e instrumentos científicos. Relembremos uma vez mais a comunicação de Teixeira da Mota. No catálogo publicado, relativo ao material embarcado, encontra-se referência a publicações e ao equipamento científico que pertenciam à Sociedade Marítima, com particular interesse nas edições da própria Sociedade, complementadas pelas da Academia Real das Ciências de Lisboa. Um espólio científico que não voltou a Portugal e cuja importância é, na opinião de Mota, de um “considerável interesse para a história da atividade científica portuguesa na época e permite conhecer melhor produção de vários homens que se destacaram entre as elites nacionais de então” (1972, p. 16). Mas foi por essa travessia científica pelo Atlântico que o Brasil colônia institucionalizou a cultura científica herdada das experimentações naturalistas dos Setecentos (Silva, 1986).

Nesse contexto de travessias científicas, uma breve reflexão sobre o manuscrito *Inventario de tudo quanto pertence Real Academia dos Guardas Marinhas e vai embarcar para o Rio de Janeiro em a Charrua S. João Magananim, por ordem do Exmo. Senhor Barão da Arruda, Almirante da Armada Real*.⁹ Nele, encontramos a consciência científica dos responsáveis pelo embarque da Academia dos Guardas-Marinhas, um dos elos da cadeia das instituições militares inicialmente referenciadas. Do documento, constam os “gêneros” que foram embarcados (e previamente listados), as caixas de livros, de mobiliário e de instrumentos científicos, especialmente de astronomia. De sua primeira parte, consta uma narrativa oral¹⁰ da “Livraria” organizada por autor – título – volume, cujo somatório deverá ser a enumeração do conjunto dos livros que embarcaram em 31 “caixões”.

Após a travessia atlântica, esses caixotes, depois de terem sido abertos e seu conteúdo, sistematizado no Rio de Janeiro, possibilitaram a execução do já referido catálogo científico da Companhia dos Guardas-Marinhas do Rio de Janeiro, a 1^a de abril de 1812 (Silva, 1999). Esse catálogo foi uma mais-valia cultural e científica que a longa viagem dos livros possibilitou, uma vez que sua recepção foi feita de acordo com um registro de taxinomia de saberes diferenciados das bibliotecas coloniais que atravessaram o

Atlântico ao longo dos séculos XVII e XVIII (Silva, 1999; Schwarcz, 2007; Schwarcz e Azevedo, 2002; Marrocos, 2008).

Compulsando as várias folhas manuscritas da listagem da Biblioteca da Academia dos Guardas-Marinhas, é possível construir uma rede de autores científicos setecentistas (Nunes, 1988, pp. 29-33) cujos títulos indiciam temáticas civis e militares, línguas, saberes politécnicos e enciclopedistas. São autores da geração cultural dos ideólogos franceses, uns pertencentes à Academia das Ciências de Paris, outros, sobretudo matemáticos, pertencentes ao L'Institut.¹¹

No registro da partida de Lisboa para o Rio de Janeiro, é anotado o embarque de livros de e.g. P. Cotte, Gaspar Monge, Charles Bossut, Étienne Bezout, Lazare Carnot, Alexis Clairaut, La Caille, d'Alembert, além das obras de Newton: *Principia* e *Opuscula*.¹²

Se se transferiu para o outro lado do Atlântico um saber atualizado pelos padrões da Europa, é fundamental entender que foi no espaço da colônia que se executou um novo “rol da biblioteca” (Silva, 1999), agora sob a forma de um catálogo sistematizado. No contexto das academias naturalistas e literárias, dos jardins botânicos e das viagens filosóficas, a ida para o Brasil de mais instrumentos científicos dotou o espaço colonial de novos horizontes de emancipação, cruzando referentes de poder político, de ciência e técnica utilitária, elementos potencialmente aglutinadores para a construção de uma nação no Novo Mundo do início do século XIX (Dantas, 2001).

No dealbar do século XIX, Portugal e França representam dois mundos que entram em conflituosidade militar a partir de 1807-1808. Um dos resultados dessa tensão bélica foi a ida da corte para um porto seguro e longínquo, caso totalmente inédito na história dos Estados ocidentais (Safier, 2009). Porém, no reino, espaço europeu, ficaram recursos necessários e eficazes para programar a regeneração da nação em 1812.¹³ Para o Brasil, foi uma parte do patrimônio cultural, bibliográfico, científico e humano de considerável importância que possibilitou a aceleração do tempo histórico na cronologia programada da colônia, ou seja, a emancipação política conduzida pelo vigor e o empenho constitucional dos deputados brasileiros no primeiro parlamento vintista (1821-1822) em Lisboa (Vainfas, 2002).

¹¹ O L'Institut foi criado em 25 de outubro de 1795. Ver <http://www.institut-de-france.fr>.

¹² Segundo historiadores da ciência (Dhombres, 1989), isso revela a importância da construção do poder com base no saber para gerir e controlar impérios terrestres e aproveitá-los economicamente.

¹³ Podemos rotular o ano de 1812 como o “ano zero” da nova regeneração. Significou o ressurgimento de diversos projetos editoriais no espaço português, como o *Semanário de Instrução e Recreio* (1812-1813); a *Gazeta de Agricultura e Commercio de Portugal* (1812-1815), dirigida por Francisco Soares Franco; ou o *Jornal de Coimbra* (1812-1820), periódico pensado em Coimbra e editado em Lisboa, servindo interesses médicos e militares. Outro dos sinais da recuperação cultural e científica foi o retomar do funcionamento da Academia Real das Ciências de Lisboa, iniciando-se a edição da linha de Memórias de Física e de Matemática, completando o ciclo de *Memórias econômicas* da ARCL, em 1815, que contém a *Memória de Trigo* sobre a “Introdução ao sistema métrico-decimal” (criação da França revolucionária) ou os estudos naturalistas sobre Cabo Verde.

⁹ Manuscrito que na década de 1980 estava no Arquivo de Marinha, no Quartel dos Marinheiros em Alcântara, tendo como cota A. M. – Brigada Real Dos Guardas-Marinhas, caixa 137, [1807], 11 fls. (frente e verso). Porém, a transferência do Arquivo para as instalações da Cordoaria gerou uma alteração de arrumação e de catalogação. Após várias tentativas junto à direção do A. M., não foi possível encontrar o documento original, pois o sistema de numeração foi alterado.

¹⁰ Trata-se de uma série de nomes e de títulos transcritos foneticamente por meio de uma grafia oral, sem classes de ordenação.

MARINO MIGUEL FRANZINI – UM IDEÓLOGO EM PORTUGAL?

No contexto nacional do embarque da corte para o Brasil, fixemo-nos numa das personalidades científicas que permaneceu em Lisboa: Marino Miguel Franzini (1779-1861),¹⁴ membro da inteligência técnico-científica da engenharia militar portuguesa que não foi para o Rio de Janeiro em 1807, contrariando a metáfora de Gomes (2007) e de Wilcken (2008). Amigo de Junot, assumiu-se, no contexto de 1808, como engenheiro militar em ação, quer no Arquivo Militar, quer na Cordoaria, quer nas missões cartográficas ou estatísticas que preparava.

O recente conhecimento público do catálogo de sua biblioteca privada¹⁵ torna possível realizar uma incursão pela forma como Franzini organizou e classificou os livros que foi adquirindo em vários circuitos de uma rede comercial europeia (DeNepoti, 2008); tal como a documentação *Rol dos livros que comecei a comprar em 1798*¹⁶ e o *Catalogue des livres etc...*¹⁷ permitem entender, analisar e idealizar.

Numa primeira leitura, ressalta a planificação temática redigida em francês. Quando a comparamos com a organização de bibliotecas de época – como a da Biblioteca Pública de Évora, organizada por Frei Manuel do Cenáculo, em 79 seções¹⁸ (Vaz, 2004; Vaz e Calixto, 2006), entendemos que a gramática usada por Franzini foi completamente distinta, mas muito próxima daquela que no Rio de Janeiro foi utilizada em 1812 para organizar a recém-chegada biblioteca da Companhia dos Guardas-Marinhas (Silva, 1999, p. 147). O universo classificativo de Marino Miguel apresenta uma configuração muito próxima dos saberes da geração dos ideólogos, tendo a data de 1798 como ponto de partida para as transações livrescas (DeNipoti, 2008, p. 435),¹⁹ período marcado pela influência científica do grupo que se encontrava a serviço de Napoleão Bonaparte e do Império francês (Moravia, 1974; Gusdorf, 1978).²⁰

¹⁴ Marino Miguel Franzini, engenheiro militar, fez seus estudos no âmbito das Academias de Marinha no período das reformas de Rodrigo de Sousa Coutinho. Membro da Academia das Ciências de Lisboa, inspetor da Cordoaria Nacional, meteorologista reconhecido internacionalmente na época, deputado vintista. Assumiu-se, após a revolução liberal de 1820, como um liberal técnico-científico (Nunes, 1988).

¹⁵ Marino Miguel Franzini, BNP – Reservados, cod. 12934 – Fr 859. Um espólio que contém papéis avulsos que pertenceram a Franzini, com catálogos da livraria, róis de livros, cartas, apontamentos, contas, listas de livros e de livreiros, faturas, recibos, receitas e despesas etc., 1798-1832. Essa documentação comprada recentemente pela Biblioteca Nacional de Portugal foi estudada de forma exaustiva por DeNepoti (2008), um trabalho inovador para a história dos circuitos de livros na Europa, a formação de bibliotecas individuais na transição do século XVIII para o século XX.

¹⁶ Com a indicação do preço de cada compra, com a contabilidade anual ou por temas de capital investido em aquisições de saberes científicos.

¹⁷ O acervo da BNP contém ainda um Catálogo da livraria de Marino Miguel Franzini, organizado por outra entidade posterior, pois se trata de um roteiro de áreas temáticas, com autores e títulos de livros ou de cartografia, por ordem alfabética, como se de um catálogo organizado para um leilão ou para uma arrumação alfabética de uma biblioteca.

¹⁸ A biblioteca estava organizada em “72 estantes de 11 ordens cada uma” (Vaz 2004, p. 12), não havendo catálogo, mas apenas a listagem dos livros que foram sendo comprados aos livreiros europeus por Frei Manuel do Cenáculo. Esse assunto foi ampliado por Vaz (2006) nas comemorações dos duzentos anos da Biblioteca Pública de Évora, em 2005.

¹⁹ A análise de DeNepoti (2008) permite-nos entender que Franzini comprava seus livros pouco tempo depois de eles aparecerem no mercado livreiro europeu, utilizando diferentes vias para a concretização da venda.

²⁰ Momento em que as instituições de ensino científico começavam a construir a matriz de saberes politécnicos, alicerçados na École Polytechnique (1794) e na atualização técnico-científica da École de Ponts et Chaussée (1741), ambas em Paris, o coração do Império francês.

O *Rol* parece indicar que existia um pensamento sistematizador de taxinomia de saberes para acolher os livros à medida que chegavam e iam sendo incorporados e alinhados nas estantes. O manuscrito apresenta-se deste modo:

M. M. FRANZINI – *Catalogue de livres* – [numeração dada por M. M. Franzini]²¹

1. Mathématique
2. Application d'Optique
3. Physique
4. Musique
5. Astronomie
6. Tables
7. Arithmétique Politique
8. Navigation
9. Construction
10. Manœuvre
11. Tactique
12. Scène Militaire
13. Artillerie
14. Fortification
15. Voyages
16. Histoires Militaires
17. Diverses Sciences
18. Botaniques
19. Chimie
20. Philosophie [naturelle]
21. Grammaire
22. Histoire
23. Miscellanées
24. Médecine
25. Poésie et Romans
26. Politique
27. Géographie
28. Philosophie [métaphisique]

²¹ Marino Miguel Franzini, BNP – Reservados, cod. 12934 – Fr. 859. “Table alphabétiques des classes” (fls. 1-28).

Nessa arrumação, encontramos as mais recentes edições para cada uma das áreas do saber,²² evidenciando a existência de uma rede de circulação pelo espaço europeu, em tempo de uma França napoleônica.²³

No documento *Catalogo da biblioteca de Marino Miguel Franzini*,²⁴ encontramos outra lógica de apresentação: a sistematização alfabética, a abertura em subclasses das principais taxinomias para captar a atenção do leitor para a existência de um «Catálogo» em várias línguas: português, francês, inglês e latim.

1. Artes
2. Autores Clássicos, c/ Linneu
3. Agricultura, c/ Brotero
4. Commercio
5. Estatística
6. Filosofia
7. Geografia
8. Hidrografia
9. Gramática
10. História
11. Cronologia
12. Literatura
13. Poesia
14. Marinha
 - a. Construção
 - b. Manobra
 - c. Miscelânea
 - d. Tática

²² Encontramos obras técnico-científicas completas, e.g. *Connaissances des temps*, 1787, 1788, 1789, pour l'an 6, 10, 11, 12 e *Additions aux tables des connaissances des temps depuis 1790-1799 ou Instruction secrètes [...] contenant les ordres secrètes expédiés aux officiers*, Hamburgo, 1796.

²³ Quando se utiliza o Rol dos livros que comeci a comprar em 1798, é fácil entender a rede de contatos que Franzini tinha com os livreiros e os conhecimentos que possuía das instituições científicas – academias e estabelecimentos de ensino militar. Nessa lista, encontra-se o registro do montante dispendido, assim como da diversidade de compras realizadas: edições monográficas, edições antigas, publicações periódicas científicas e técnicas, cartografia variada, livros de viagem, de literatura (incluindo poesia), manuais técnicos e de práticas de navegação. Vê-se uma organização de compras pelo eixo de Itália (Veneza, Siracusa, Gênova – via “negócio de Molini de Florencia”), passando pelas aquisições pelo porto de Mahón e Llorient, na Catalunha, pelo porto da Corunha e pela praça de Lisboa; uma listagem exaustiva, organizada contabilisticamente de 1798 a 1806. Para uma análise exaustiva sobre esses processos de aquisição, ver DeNipoti (2008).

²⁴ Marino Miguel Franzini, BNP – Reservados, cod. 12934 – Fr 859. Comparando o Rol com o Catálogo, parece-nos claro que este último não foi organizado pelo proprietário original da biblioteca, mas por um comprador de bibliotecas eruditas e históricas que as organizava em função de catálogos, para serem analisadas e compradas em leilões da especialidade.

15. Matemática
 - a. Astronomia
 - b. Arquitectura
 - c. Hidraulica
 - d. Máquinas
 - e. Óptica
 - f. Tábuas
 - g. Diversidades c/D'Alembert
16. Medicina
 - a. águas termais e banhos
17. Física, vulcões e meteorologia
18. Química e Mineralogia
19. Militares
 - a. Artilharia, miltires, fortificações
 - b. História militar
 - c. Topografia militar
 - d. Tática
 - e. Miscelâneas c/ dicionários, almanaques
20. Viagens
 - a. Viagens terrestres
 - b. Viagens marítimas
21. Galanteria c/ Religiosa, Diderot
22. Atlas e Cartas
23. Cartas separadas
 - a. Espanha e Portugal
 - b. França
 - c. Itália
 - d. Veneza, Polónia, Rússia
 - e. Suíça
24. Cartas marítimas
25. Miscelânea

Numa leitura seletiva e cronológica do conteúdo da biblioteca – entre 1789 e 1801 –, ressalta a existência de um conjunto de obras técnico-científicas sobre astronomia, náutica, matemática e assuntos militares, cujo local de edição é predominantemente Paris. Nesse conjunto, destacamos os primeiros quatro volumes do *Journal de l'École Polytechnique* (1794-1797), de Lalande; *Astronomie de Latitude* (1790), de Douchet;

Métrie terrestre comparée (1797), do matemático Marie; e *Leçons élémentaires de mathématique* (1798).²⁵ Vemos uma biblioteca constituída em plena efervescência revolucionária francesa! Um espaço científico para a formação técnico-científica de um futuro engenheiro militar: Marino Miguel Franzini na transição de século XVIII para o XIX. Um tecnocrata vintista, um cidadão empenhado em regenerar a nação pela ótica discursiva do liberalismo (Nunes, 1988).

EM ABERTO: CIÊNCIA E TÉCNICA ENTRE EUROPA E BRASIL

No caldo cultural das práticas comemorativas do duplo centenário das invasões francesas, retomemos o tópico “trânsito de saberes”. Nesse contexto, o Rio de Janeiro ficou com novos e inovadores espaços de ciência. O Paço de D. João VI passou a ser local de encontro simbólico de cruzamentos da comunidade científica colonial e europeia. Para tal, contribuiu também a abertura dos portos do oceano Atlântico. Ao Brasil foram chegando naturalistas, astrônomos, artistas de toda a Europa.

Pelos dois casos abordados, procuramos demonstrar que existia uma plataforma giratória de conhecimentos científicos que chegavam e partiam de Portugal continental, onde os livros de matemática e de astronomia tinham um papel importante. As instituições científicas e militares, nascidas das reformas impostas por Rodrigo de Sousa Coutinho (Mansuy, 2002-2006), instalaram no reino – e nas colônias – uma ciência europeia. Mas o espírito reformista deixou também no Portugal metropolitano uma sólida reserva científica da nação, simbolizada pelo engenheiro militar Marino Miguel Franzini.

O breve zoom realizado sobre as bibliotecas de época – uma que embarcou para o Rio, outra que ficou no espaço metropolitano – permite entender que a ciência que circulou para o Brasil foi uma parte representativa da cultura científica da Europa do século XVIII, com um espectro de leitura muito amplo e alargado (Silva, 1999; Abreu, 2000; Schwarcz, 2007; Schwarcz e Azevedo, 2002).

Diríamos que uma parte instrumental da “ciência portuguesa” fugiu às invasões francesas, o que permitiu o aparecimento real das instituições científicas no Rio de Janeiro (e na Bahia) formatadas por uma matriz europeia.

Podemos, então, sugerir a hipótese de o Brasil ter sido apetrechado com uma ciência europeia mercê das transferências de personalidades e instituições de Portugal para o Rio de Janeiro? E quais as posteriores relações científicas entre a ex-colônia e a ex-metrópole durante o século XIX? Quais os interlocutores científicos diretos que o Brasil Império e República escolheu para dotar o Estado brasileiro de renovação e atualização científica?

²⁵ Esses dados foram apresentados e discutidos pela primeira vez num *paper* intitulado “L'échec de la science du temps de Napoléon au Portugal: le cadre militaire et scientifique et l'Académie Royale des Sciences de Lisbonne. Circulation du savoir scientifique dans une Europe des nations”, apresentado em setembro de 2009, em Aix de la Province, no simpósio Le Portugal et Napoléon. Les Raisons d'un Échec.

As respostas são pertença de outras agendas de investigação e de reflexão, quer para Portugal, quer para o Brasil, no contexto da circulação mundial dos saberes.

REFERÊNCIAS

- A CASA LITERÁRIA do Arco do Cego (1799-1801). Bicentenário. 1999. Lisboa: BN/CM.
- ABREU, Márcia (coord.). *Leitura, história e história da leitura*. São Paulo: Fapesp, 2000.
- *Os Caminhos dos livros*. São Paulo: Fapesp, 2003.
- ARRUDA, José Jobson de. *Abertura dos portos brasileiros, 1800-1808*. São Paulo: Ed. EDUSC, 2008.
- BERNARDO, Luís Manuel A. V. *O projeto cultural de Manuel de Azevedo Fortes. Um caso de recepção do cartesianismo na Ilustração portuguesa*. Lisboa: IN/CM, 2005.
- BORGES, J. J. Vieira e CANAS, A. D. Costa. *Uma cronologia da história do ensino superior militar em Portugal*. Disponível em <http://www.revistamilitar.pt/modules/article>. Acessado em 7 set. 2007.
- BRET, Patrice. *L'État, l'armée, la science. L'invention de la recherche publique en France (1763-1830)*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2002.
- BRIGOLA, João Carlos. *Coleções, gabinetes e museus em Portugal no século XVII*. Lisboa: FCT/FCG, 2003.
- CALAFATE, Pedro. *História do pensamento filosófico português – as Luzes*. Lisboa: Caminho, 2001, v. III.
- CARVALHO, Augusto da Silva. *As academias científicas do Brasil no século XVIII*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1939, t. I.
- CARVALHO, Rómulo de. *História da fundação do Colégio Real dos Nobres de Lisboa (1761-1772)*. Coimbra: Atlântida, 1959.
- *História do Gabinete de Física da Universidade de Coimbra, desde a sua fundação (1772) até ao jubileu do professor italiano Giovanni Antônio Dalla Bella (1790)*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1978.
- *Atividades científicas em Portugal no século XVIII*. Évora: Universidade de Évora, 1996.
- *Coletânea de estudos históricos (1958-1994)*. Évora: Universidade de Évora, 1997.
- CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001.
- CHARTIER, R. *The cultural origins of the French Revolution*. Nova York: Duke University Press, 2004.
- COUTO, Jorge. “O príncipe regente D. João e a abertura dos portos brasileiros”. *Abertura dos portos, 2000 anos*. Salvador, BA: Associação dos Usuários dos Portos da Bahia, 2008, pp. 17-51.
- CUNHA, Norberto. *Elites e acadêmicos na cultura setecentista*. Lisboa: IN/CM, 2001.
- CUNHA, Rosalina. “Documentos diversos sobre a Sociedade Real Marítima Militar e Geográfica – 1798-1809”. *Separata Ocidente*, 1967, n. 351, pp. 57-66.
- CURTO, D. R. “A história do livro em Portugal: uma agenda em aberto”. *Leituras – Revista da Biblioteca Nacional*, Lisboa, out. 2002, v. 3, n. 9-10, pp. 13-61.
- D'EÇA, Vicente M. M. Almeida. *Nota sobre os estabelecimentos de instrução naval em Portugal, principalmente sobre a Escola Naval*. Separata do Congresso Pedagógico Hispano-Português-Americano. Seção Portuguesa. Lisboa: Imprensa Nacional, 1892.
- DANTAS, Maria Amélia M. (org.). *Espaços da ciência no Brasil 1800-1930*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2001.
- DENIPOTI, Cláudio. “Comércio e circulação de livros entre França e Portugal na virada do século XVIII para o XIX ou quando os ingleses atiraram os livros ao mar”. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, 2008, 28 (56), pp. 431-48.
- DHOMBRES, Jean e DHOMBRES, Nicole. *Naissance d'un pouvoir: sciences et savants en France (173-1824)*. Paris: Payot, 1989.
- DIOGO, M. P.; CARNEIRO, A.; e SIMÕES, A. “El grand tour de la tecnologia. El estrangeirado Manuel Azevedo Fortes”. In A. LAFUENTE; A. CARDOSO; e SARAIVA, T (orgs.). *Maquinismo ibérico*. Madri: Doce Calles, 2007.
- ENGENHARIA MILITAR e a construção, 1647-1997. 350 anos. Catálogo de exposição. Lisboa: Regimento de Engenharia, 1997, n. 1.

- FERREIRA, Luís Octávio. "Negócio, política, ciência e vice-versa: uma história institucional do jornalismo médico brasileiro entre 1827 e 1843". *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, 2004, v. 11 (suplemento 1), pp. 93-107.
- FONSECA, Maria Rachel Fróes. "Fontes para a história das ciências da saúde no Brasil (1808-1930)". *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, 2002, v. 9 (suplemento), pp. 275-88.
- FREITAS, Marcus Vinicius de. "O Império e as práticas científicas". *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, 2003, v.10, n. 2, pp. 752-6.
- GOMES, Larentino. *1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil*. 5 ed. Lisboa: D. Quixote, 2007.
- GUEDES, Max Justo. *Bicentenário do chefe de esquadra José Maria Dantas Pereira*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1974.
- GUERREIRO, Inácio. *A Sociedade Real Marítima e o exame das cartas hidrográficas. Censura da Carta de Cabo Verde de Francisco António Cabral (1790)*. Coimbra: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1985.
- GUSDORF, Georges. *Les idéologues. La conscience révolutionnaire*. Paris: Payot, 1978.
- KURY, Lorelai. "Ciência e nação: romantismo e história natural na obra de E. J. da Silva Maia". *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, jul.-out. 1998, v. 2, pp. 267-91.
- "Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780-1810)". *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, 2004, v. 11 (suplemento 1), pp. 109-29.
- LOPES, Maria Margaret. "Aspectos da institucionalização das ciências naturais no Brasil no século XIX". *Quiju – Revista Latinoamericana de Historia de las Ciencias y de la Tecnología*, México, mai.-ago. 1999, 12 (2), pp. 217-30.
- "Cooperação científica na América Latina no final do século XIX: os intercâmbios dos museus de ciências naturais". *Interciencia*, Caracas, ago. 2000, 25 (5), pp. 228-33.
- MANSUY, André. 2002-2006. *Portrait d'un homme d'État: D. Rodrigo de Souza Coutinho, Comte de Linhares: 1755-1812*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002-2006, v. 1, 2.
- MARROCOS, Luís Joaquim dos Santos. *Cartas do Rio de Janeiro 1811-1821*. Lisboa: BNP, 2008.
- MATOS, Pedro Fragoso de. "Oficiais da Armada na Academia das Ciências de Lisboa". *Anais do Clube Militar Naval*, abr.-jul. 1981, pp. 251-79.
- MONTEIRO, A. C. "Aspectos históricos da vida portuguesa: os professores doutores Miguel Franzini e Domingos Vandelli da Universidade de Coimbra através de alguns inéditos do Arquivo Nacional do Brasil". *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, 1949, v. CXXIV, pp. 73-137.
- MORAVIA, Sérgio. *Il pensiero degli ideologues. Scienza e filosofia in Francia (1785-11815)*. Firenze: Nuova Italia, 1974.
- MOTA, A. Teixeira da. *Acerca de recente devolução a Portugal, pelo Brasil, de manuscritos da Sociedade Real Marítima, Militar e Geográfica (1793-1807)*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1972.
- NUNES, Maria de Fátima. *O liberalismo português: ideários e ciências. O universo de Marino Miguel Franzini (1800-1860)*. Lisboa: INIC, 1988.
- *A imprensa periódica científica em Portugal 1772-1852*. Lisboa: Estar, 2002.
- OLIVEIRA, José Carlos. "As ciências no Paço de D. João VI". *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, mar.-jun., 1999, v. 6, s. p.
- OLIVEIRA, L. V. Ricupero (org.). *A abertura dos portos*. São Paulo: Senac, 2007.
- OLIVIER, Graciela de Souza. *Institucionalização das ciências agrícolas e seu ensino no Brasil, 1830-1950*. São Paulo: Annablume, 2009.
- PEREIRA, J. Esteves. *Percursos de história das ideias*. Lisboa: IN/CM, 2004.
- SAFIER, Neil. "A courier between empires: Hipólito da Costa and the Atlantic World". In BAILYN, Bernard (ed.). *Soundings in Atlantic history*. Cambridge: Harvard University Press, 2009.
- SARAIVA, Luís Manuel Ribeiro. "Garçon Stockler e o projeto sobre estabelecimento e organização da instrução no Brasil". *Atas do II Encontro Luso-Brasileiro de História da Matemática*. Águas de São Paulo: s. ed., 1997.
- SCHWARCZ, Lília M. *A longa viagem da Biblioteca dos Reis. Do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil*. Lisboa: Assfrio & Alvim, 2007.
- e AZEVEDO, Paulo César. *O livro dos livros da Real Biblioteca*. Rio de Janeiro: Ed. BN/São Paulo: Ed. Fundação Odebrecht, 2002.
- Silva, Maria Beatriz Nizza da. "A transmissão, a conservação e a difusão da cultura no Rio de Janeiro (1808-1821)". *Revista de História*, São Paulo, 1974-1975, n. 97, 102, pp. 552-80.
- (org.). *O Império luso-brasileiro, 1750-1822. Nova história da expansão portuguesa*. Direção de J. Serrão e A. H. O. Marques. Lisboa: Ed. Estampa, 1986, v. III.
- *A cultura luso-brasileira. Da reforma da universidade à Independência do Brasil*. Lisboa: Estampa, 1999.
- SIMON, William Joel. *Scientific expeditions in the Portuguese overseas territories, 1783-1808, and the role of Lisbon in the intellectual community of the late eighteenth century*. Lisboa: Instituto de Investigação Tropical, 1988.
- SLEMIAN, Andrea e PIMENTA, J. P. G. O "nascimento político" do Brasil. *As origens do Estado e da nação (1808-1825)*. Rio Janeiro: DP&A, 2003.
- VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil imperial (1822-1889)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- VASCONCELOS, Ernesto. "Instituição da Sociedade Real Marítima, Militar e Geográfica". *Arquivo das Colônias*, jul.-dez. 1917, v. I, pp. 19-33.
- VAZ, Francisco Lourenço. "As bibliotecas e os livros na obra de D. Frei Manuel do Cenáculo". *La memoria de los libros. Estudios sobre la historia del escrito y de lectura en Europa y América*. Salamanca: Instituto del Libro, 2004, t. II, pp. 483-98. Disponível em <http://www.evora.net/bpe/cenaculo>. Acessado em 10 set. 2009.
- e CALIXTO, J. A. (orgs.). *Frei Manuel do Cenáculo – construtor de bibliotecas*. Lisboa: Caleidoscópio, 2006.
- VIANA, Francisco. "Portos: dois séculos de história da colônia aos tempos modernos, um mesmo símbolo de progresso". *Abertura dos portos, 200 anos*. Salvador, BA: Associação dos Usuários dos Portos da Bahia: 2008, pp. 53-91.
- VILLALTA, L. Carlos. "Bibliotecas privadas e práticas de leitura no Brasil colonial". *Naissance du Brésil moderne. Actes du Colloque Aux Temps Modernes: naissances du Brésil*. Sorbonne, Paris : P. U. F., 1998. Disponível em <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br>. Acessado em 10 set. 2009.
- *1789-1808 – o Império brasileiro e os Brasís*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- WEGNER, Robert. "Livros do Arco do Cego no Brasil colonial". *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, 2004, v. 11 (suplemento 1), pp. 131-40.
- WILCKEN, Patrick. *Império à deriva. A corte portuguesa no Rio de Janeiro, 1808-1821*. Lisboa: Civilização, 2008.